

TRIBUNA ALIVE

À Biblioteca Pública de
Braga

4
DEZEMBRO
1971

SEMÁRIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Marciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Verificação de poderes do Conselho Municipal

nomeação da vereação da Câmara e escolha do representante à

No passado dia 2, no salão nobre dos Paços do Concelho, reuniu o Conselho Municipal da Câmara de Amares a fim de se proceder à verificação de poderes, eleição da vereação da Câmara Municipal e



António Alves da Mota
(vereador)

escolha do representante do Município à Comissão Municipal de Higiene.

Iniciados os trabalhos sob a presidência do sr. dr. Paulo Macedo, presidente da Câmara, foram votados para secretários os senhores prof.

José Manuel de Oliveira Arantes e Manuel Pereira Janela, pelo que ficou constituída a Mesa.

Anotadas as presenças viu-se que no salão se encontrava os seguintes conselheiros: dr. António José da



José Gonçalves Leite
(vereador)

Costa, Padre Dr. Adelino Rosas, Padre Albino José Fernandes Alves, Dr. José António de Sousa Fernandes, António Dias Paredes, António de Barros, Manuel Pereira Janela, José Fernandes

Comissão Municipal de Higiene

de Araújo, Manuel Araújo Afonso, António Baptista de Macedo Fernandes, Padre Luiz João Antunes de Almeida, prof. José Manuel de Oliveira Arantes. Faltou o conselheiro sr. dr. Joaquim Pereira da Silva que nesse dia teve de se internar no Hospital de S. João para ser operado e que justificou a sua falta.

Finda a votação verificou-se ter sido eleita a lista que tem a seguinte constituição e que não teve oposição.

Para vereadores efectivos:

Padre Albino José Fernandes Alves, António Alves da Mota, José Joaquim Leite, Jaime de Abreu Dias.

Para substitutos:

António Baptista de Ma-

cedo Fernande, António José da Costa, José António Pires, João Gonçalves.



Jaime de Abreu Dias
(vereador)

Para representante à Comissão Municipal de Higiene foi indicado o conselheiro sr. António Baptista de Macedo Fernandes.



Padre Albino José Fernandes Alves
(vereador)

Os magníficos resultados da visita do Sr. Ministro das Obras Públicas ao nosso Concelho

Vendo os locais, ouvindo as autoridades, consultando os mapas e as plantas, o Senhor Ministro das Obras Públicas deixou entre nós uma onda de esperança, além da comparticipação imediata das pavimentações das estradas de Barreiros e Rendufe.

A comunicação que o ilustre Chefe do Distrito acaba de fazer ao Senhor Presidente da Câmara, dá-nos nota de todo o conteúdo dos despachos proferidos pelo titular das Obras Públicas nos processos pendentes; e, diga-se em boa verdade, os resultados são profundamente animadores, excedem todas as previsões, por mais optimistas.

Quanto à Variante anota o Sr. Ministro a afirmação feita

pelo Sr. Director de Estradas do Distrito de que o projecto estará pronto em Fevereiro próximo e manda comunicar à Junta Autónoma das Estradas o interesse em que se faça todo o possível para incluir aquela obra no plano de 1972.

Quanto à Avenida Circular refere o despacho a afirmação do Sr. Presidente da Câmara de que o projecto estará concluído dentro de 3 meses.

Manda ouvir a Direcção de Estradas e diz que esta obra será comparticipada logo que o projecto seja apresentado.

O Sr. Ministro manda também que pela D.G.S.U. se proceda imediatamente ao
(Continua na 4.ª página)

OBRIGADOS, SENHOR MINISTRO Amares está de parabéns, - resultado da visita do Senhor Ministro das O. Públicas

Há mais de 50 anos que Amares não tinha a visita de um Ministro das Obras Públicas e a culpa não era dos Governantes, pois já um titular daquela Pasta no seu Gabinete nos disse, há tempos, que Amares lhe era desconhecido.

Graças às nossas novas autoridades, e principalmente a Sua Ex.a o Senhor Governador Civil, tivemos agora a honra de receber o titular daquela Pasta, e de que forma.

Temos de confessar a nossa surpresa e até das nossas autoridades, ao verificar a maneira como se processa hoje a visita dum Ministro das Obras Públicas, do Governo de Marcelo Caetano.

Diziam-nos que a visita era de trabalho e que Sua Ex.a não queria manifestações de apreço.

Não faziamos, porém, uma ideia da eficácia dessas sessões.

Na Sala de Sessões da Câmara instalou-se o Ministro ladeado por Sua Ex.a o Sr. Governador Civil e pelo Sr. Presidente da Câmara.

Na Sala dispuseram-se em semi-círculo técnicos responsáveis não só do Ministério, mas também distritais e de zona, todos empunhando uma resenha, antecipadamente distribuída, dos melhoramentos, obras e realizações pedidas pela Câmara, e de que o Concelho mais carecia.

Directores-Gerais e grande número de engenheiros, arquitectos, urbanistas, directores de Estradas, dos Serviços de Urbanização, dos Serviços Hidráulicos etc., ali estavam para trabalhar.

Foi admirável. Sua Ex.a o Senhor Ministro, anunciava, pela respectiva ordem, a obra pedida pela Câmara, e, ali, sem necessidade de correspondência morosa, a que se seguiam longos pareceres e muito tempo perdido, o titular da Pasta recebia dos técnicos respectivos o seu imediato parecer, as possibilidades, o custo da obra e todas as informações inerentes, necessárias ao despacho,
(Continua na 4.ª página)

O PING-PONG EM NOVA YORK

Lavadouros Públicos

Usou pela primeira vez da palavra no plenário da Assembleia Geral das Nações Unidas o chefe da delegação enviada pelo Governo de Pequim, sr. Chiao Kuan-hua — e tantas disse, e tanto exigiu, e tão ameaçadoramente o fez, que o Presidente Nixon poderia dispensar-se perfeitamente das fadigas da sua anunciada visita à China, se foram as mesmas exigências o que, afinal, o sr. Kissinger ouviu da boca de Chu En-Lai.

Declarou o sr. Chiao Kuan-hua que a China reclama a devolução da Formosa, a unificação da Coreia, o abandono total do Vietname pelos norte-americanos... Nada menos do que tudo isso. Deve reconhecer-se que, no teatro das Nações Unidas, para a entrada em cena de um novo actor, não está nada mal, mesmo nada mal. Simplesmente, nos povos de alta e antiga civilização, como o chinês, há sempre duas políticas, a que se formula ou se anuncia e aquela que, de facto, se realiza, o que se diz querer e aquilo a que na verdade se quer chegar, o que sai dos lábios e aquilo que se traz oculto no pensamento e no coração.

Afirma-se que o discurso do sr. Chiao Kuan-hua surpreendeu — surpresa esta que se nos afigura surpreendente — os mais responsáveis dos jornalistas norte-americanos. Mas não esperavam eles, com

certeza, que o representante do Governo de Pequim ingressasse no plenário da ONU abraçado a ramos de flores e pronto a recitar o que há de mais lírico na obra poética de Mao Tsé-Tung...

Em toda esta história o que efectivamente será grave foi o que lemos não nos lembramos já em que jornal: «o sr. Chiao Kuan-hua foi muito aplaudido, destacando-se dos aplausos os uivos de alegria de alguns delegados africanos».

Consultamos a este respeito os dicionários. São perturbadoramente categóricos: «uivo: grito de lobo e de outras feras—grito prolongado e lamentoso do cão».

Temos, pois, que nas Nações Unidas alguns delegados africanos = uivam; e que entre as desvairadas vozes que na ONU já se faziam ouvir passou também a escutar-se agora mais esta = o uivo.

Verdade seja que, para nos tranquilizar a caravana passa, entretanto.

* * *

Mais interesse do que o discurso do sr. Chiao Kuan-hua teve quanto a nós, o seu calendário de visitas de cortesia, em Nova York.

Aonde iria ele primeiro? À sede da missão permanente da Albânia junto das Nações Unidas, uma vez que foram os albaneses, com a sua re-

solução, quem abriu de par em par aos chineses de Pequim as portas dos «palácios confusos» da ONU?

Ou à sede da missão da Roménia, que se apressara a oferecer aos chineses, mal estes desembarcaram, os seus próprios automóveis e os seus motoristas?

Ou à sede da missão dos Estados Unidos, pois que, apesar de tudo, os norte-americanos, em Nova York, sempre são os donos da casa?

Ou, num espectacular gesto de reconciliação, ao edifício onde os russos têm a sua sede?

Sorriram os chineses como só eles sabem sorrir, quando os jornalistas lhes fizeram estas perguntas — e no automóvel emprestado pelos romenos o sr. Chiap Kuan hua dirigiu-se tranquilamente, em primeiro lugar, à missão permanente, junto das Nações Unidas, do Paquistão... numa clara e severa advertência à Senhora Indira Gandhi e ao seu Governo de mata-moios.

O ping-pong, não há dúvida, é um jogo que apaixona os chineses. Já, porém, nos asseguraram que para este jogo os chineses preferem umas bolas particularmente pesadas, muito diferentes daquelas que o Ocidente utiliza... Mas talvez seja boato.

Visado pela Censura

Os habitantes da freguesia da Carrizado não podem continuar sem levadouros.

É lamentável e triste viver-se numa terra aonde falte as mais rudimentares exigências de higiene e conforto.

As portas da sede do concelho essa freguesia vive desesperada por ter de recorrer aos particulares que têm água e tanque para lavar a roupa suja. Também o Senhor Código Administrativo ou a lei que o fundou diz que é preciso certo meio de habitantes para que o governo dê subsídios às Câmaras Municipais para abrir estradas vicinais que ligam lugares inter-freguesias. Barrimau não tem de facto o tal número mas já poderia ter o dobro do exigido se estivesse feito o caminho que o liga à Igreja com sacrifício dos proprietários dos terrenos que veem as suas culturas danificadas com o intenso trânsito entre esse lugar e a Igreja Paroquial. Neste ponto e ainda noutros esse Código precisa de ser rectificado ou então faltar-lhe ao respeito por inconveniente e prejudicial.

À Câmara pedem-se providências, porque a Junta de Freguesia reconduzida, constituída pelos melhores elementos da freguesia, além do trabalho gratuito e aborrecido que tem com a gerência desse organismo, não pode estar em permanente crítica por não poder fazer aquilo que depende de subsídios porque a Junta de Carrizado não tem quaisquer rendimentos que a auxilie a fazer o que há muito projectaram e talvez fosse essa uma das razões de continuidade a juntar ao respeito e amizade que lhes mereceu o ilustre Presidente da Comarca.

Telefones para serviços



DE URGÊNCIA

Hospital da Misericórdia	62174
Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.M.ta)	62163
Bombeiros Voluntários	62163

CALAFRICO

(Continuado do número anterior)

bem estranho. Havia horas, no dia a dia — ou, pelo menos, ocasiões havia, furtados mesmo a evidentes deveres — em que eu me fechava lá em cima para meditar. Não era tanto, todavia, por me sentir mais nervosa do que era possível suportar, mas por me sentir extraordinariamente receosa de o vir a estar; pois a verdade que eu tinha agora de observar era, nem mais nem menos, o facto de não ter dito coisa alguma acerca do visitante à pessoa a quem tão inexplicavelmente, e, no entanto, assim me parecia, tão intimamente, estava ligada. Não foi preciso muito tempo para eu compreender que me seria possível descobrir, sem e aspecto de proceder a um inquérito e sem grande alarme, qualquer complicação doméstica. O choque de que eu fôra vítima aguçara todos os meus sentidos; ao fim de três dias, tive a confirmação de que isto apenas graças a uma melhor observação, de que não fôra alvo de qualquer experiência da criadagem nem objecto de qualquer «partida». Em parte alguma, que eu soubesse, se conhecia, aquele facto. Só uma conclusão era razoável: houvera alguém que se servira de uma liberdade um tanto rude. Eis o que eu me dizia de mim para mim, muitas vezes, enterrada no meu quarto, de porta a ferrolhada. Tínhamos sido todos sujeitos a uma intrusão; qualquer viajante sem sentimentos, apreciador de casas antigas, havia ali penetrado sem ser visto, gozara o panorama do melhor ponto de vista e safara-se da mesma maneira que tinha entrado. Se éle me fitara de uma forma tão firme e insolente, isso era mais uma prova da sua indiscricção. A verdade é que, no fim de contas, nunca mais ouvimos falar d'ele.

Isto não era uma coisa tão importante, concordo, que me não deixasse pensar que o que, essencialmente, fazia com que eu desprezasse tudo mais era o facto de estar encarregada de uma encantadora missão. A minha encantadora missão era precisamente a minha vida entre Miles e Flora, e nada me levaria a querer-lhe tanto como o sentimento de que me poderia ver perturbada nessa própria missão. O atractivo de qualquer pequeno trabalho era uma alegria constante, que me levava a dizer a mim mesma, novamente, quanto tinham sido baldados os meus primitivos receios, o desgosto que eu começara por sentir pelo que supunha o prosaísmo do meu mister. Não havia nêle prosaísmo

algum, parecia, nem grande trabalho: que trabalho haverá que não seja encantamento desde que a beleza é o seu dia a dia? Tinha diante de mim todo o romance da educação infantil e da poesia do ensino! Com isto não quero dizer, porém, que apenas lêsemos romances e versos; quero dizer que não posso exprimir de outra maneira o interesse que os meus companheiros me inspiravam. Como posso eu descrever isto senão afirmando que em vez de aquilo se tornar numa rotina — que maravilha para uma preceptora: as preceptoras que o digam! — todos os dias havia para mim novas descobertas. Um sentimento havia, sem dúvida, em que as minhas descobertas se detinham: uma profunda treva continuava a esconder o comportamento do pequeno no colégio. Prontamente me tinha sido permitido, assim o notei, combater este mistério sem tormento. Talvez me aproximasse mesmo mais da verdade se dissesse que éle próprio — sem uma palavra — elucidara tudo. Tornara tô-la aquela acusação absurda. A conclusão a que eu chegara florescia com todo o róseo rubor da sua própria inocência: éle era apenas demasiado fino e distinto para aquele horrível e sujo colegiozinho; por isso tivera de pagar o preço porque essas qualidades se pagam. Astutamente, concluí que o sentimento de tais diferenças, tais superioridades da natureza, convertem-se sempre para o vulto — em cujo número se podem incluir mesmo os estúpidos e grosseiros directores de colégios — em infalíveis manifestações de desafronta.

Ambas as crianças eram de uma tal docilidade (era o seu único defeito, apesar de Miles nunca ter sido uma criança mimada) que se tornavam — como dizê-lo? — quasi impesscais, e, realmente, inteiramente impeccáveis. Eram como os querubins da anedota, que não tinham — pelo menos moralmente — onde se lhes bater! Lembro-me de ter tido a sensação, especialmente a respeito de Miles, de que éle era uma criança, por assim dizer, sem história. Estamos sempre à espera que um rapazito tenha uma história, por pequena que seja, mas naquele belo garoto havia qualquer coisa de tão extraordinariamente sensível, embora tão extraordinariamente feliz, como eu nunca vira em nenhuma outra criança da mesma idade, que me impressionava todos os dias com a mesma novidade. Nunca na sua existência sofrera, por um segundo que fôsse. E isso foi para mim como que uma contestação cabal de que éle tivesse sido castigado. Se houvesse sido mau, teria a maldade colada a si próprio e eu daria por ela, com a ajuda de uma espécie de repercussão — achar-lhe-ia o rasto. Não achei coisa alguma, o que queria dizer, por conseguinte, ser éle angélico. Nunca falava do colégio, nunca se referia aos colegas nem aos professores; e eu, pela minha parte, não aludia a eles, pois isso me causava demasiado desgosto. E, claro que eu estava sob o domínio do sortilégio, e coisa

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

O bairro Estrela de ouro situado no bairro da Graça em Lisboa tem uma história que merece ser conhecida. Aproveitando a minha estadia de oito dias nesse bairro residencial aonde mora também uma filha minha, aguardando a partida para Luanda de um avião da T.A.P. que conduziu para a capital da Angola um filho meu aonde vai exercer a sua actividade, descobri a história de um espanhol que veio do seu país para a capital de Portugal no tempo das Caleches e sem comboios a queimar lenha ou carvão. Veio a pé concerteza visto nesse tempo não existirem quaisquer espécie de transportes entre Espanha e Portugal. A aventura desse herói é como tantas praticadas por outros sem o sucesso obtido por esse cidadão subdito do Rei Afonso XIII. Chegando a Lisboa começou a vender água dos chafarizes Lisboaetas. Com o produto desse trabalho duro e honesto, comprou um pequeno hotel e casou com uma mulher portuguesa a quem foi confiada a confecção dos petiscos conseguindo em 1908 ter meios para mandar construir o bairro Estrela de ouro, um bloco com mais de duzentos prédios que rendem actualmente cerca de três mil contos anuais. Nada falta nesse bairro residencial a desafiar a competência do arquitecto e da higiene dos outros bairros da capital. O nome das largas ruas desse precioso conjunto arquitectónico obedecem ao dos filhos e filhas do casal. Seis filhos, seis ruas e muitas estrelas de jogas marinhas nos cuidados calcetas desse acidentado marco dos caprichos topográficos de uma cidade com muitas colinas de onde se deslumbram panoramas de extraordinária beleza. No centro do bairro lê-se gravado em azulejos o nome do fundador e a data da construção: Agapito Serras Fernandês — 1908.

Sem passaporte nem carta de chamada e sem saber o que lhe ia acontecer em Lisboa aonde tantos patrícios vivem e lutam sem obter sucessos, o Agapito imortalizou o seu nome e mostrou que o emigrante espanhol ou português depois da maior idade, pelo menos, dispensa regulamentos e exigências que se parecem com tutelas, para ser feliz em qualquer parte quando seja honesto e competente.

* * *

A ida para Luanda do Elísio Gonçalves filho do autor

destas linhas, é outra história mas não é de aventuras porque já vai com destino certo. Um dia foi solicitado por um amigo para dar guarida em minha casa a um rapaz pobre de Braga que desejava instruir-se em música de piano, instrumento existente na casa da Faia, que fazia parte do rico mobiliário deixado pelos antepassados que do Brasil vieram ricos para fazerem o grande casarão, onde espero despedir-me do mundo.

Recebi com agrado esse amigo que dois anos depois, com carta de recomendação do arcebispo de Braga, embarcou para Luanda onde se colocou na Câmara Municipal e de onde saiu para se colocar no banco de Angola de onde acaba de chegar de avião com a esposa e filhos. Depois de ir à Alemanha comprar um automóvel de categoria fez digressões pela Metrópole e aceitou um pedido meu de levar para Luanda o Elísio de quem é padrinho de baptismo, pois nasceu aquando da sua permanência na minha casa da Faia. Ainda é cedo para conhecer o resultado do génio do imberbe acolhido a esta hora na rua Duarte Lopes n.º 14 da cidade de Luanda, aonde moram o padrinho e a madrinha assinantes da Tribuna Livre. O que sei e todos devem saber é que quem dá aos pobres empresta a Deus. Fazes bem e não olhes a quem. Mas dos pobres pouca gente gosta. Gosto eu porque sou oriundo de família pobre e devo a muita gente o sucesso da minha aventura quando em 1916 embarquei para o Brasil como veio para Lisboa o sr. Agapito Serras Fernandês. O que foi é de navio porque a nado não podia atravessar o Oceano para percorrer cinco mil quilómetros que separam Lisboa da capital do Estado do Pará Brasil.

Elísio Gonçalves

A quem pertence?

Encontrou-se um relógio no percurso Caldelas-Feira Nova.

O mesmo será entregue a quem provar pertencer-lhe dirigindo-se ao sr. Carlos Antunes Rosadas, Besteiros Amares.

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, dia 4, o nosso estimado assinante sr. Artur da Cunha Cruz, residente com seus familiares nos E. U. América.

No dia 5, o sr. Padre Luiz João Antunes de Almeida.

No dia 10, o menino Henrique Manuel Soares da Silva, filho do nosso assinante sr. João Batista da Silva e da sra. Olímpia Celeste Soares da Silva, residentes em Lisboa.

-- DO CANADÁ --

Aniversário de Casamento

No passado dia 29 festejaram o 19.º Aniversário de casamento os nossos ilustres assinantes luso-canadianos srs. Manuel Teixeira e D. Rosalina Machado Teixeira.

Há muitos anos no Canadá, nunca deixaram de se interessar pelas coisas da sua terra o que nos apraz registar com satisfação, aproveitando Tribuna Livre a efeméride para os cumprimentar bem como a seus filhinhos Maria de Fátima, Maria Filomena e Francisco Teixeira.

2.ª Publicação 4/12 71



Tribunal Judicial da Comarca

DE

AMARES

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca de Amares, na acção com processo ordinário de investigação de paternidade ilegítima que o Magistrado do Ministério Público move contra AMÉRICO DA CRUZ GOMES NETO, solteiro, empregado da construção civil, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Quinta da Letrada, n.º 38-H, Alto de São João, da cidade de Lisboa, é este réu citado para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de VINTE DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de TRINTA DIAS, contada da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de, não contestando, vir a ser condenado no pedido que o autor deduz e que consiste em o menor, Avelino da Silva, filho ilegítimo de Justina da Silva, ser declarado também filho ilegítimo do réu.

Amares, 20 de Novembro de 1971

O Juiz de Direito

Alfredo Jalme Menêres

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

Trovas Soltas

Seria a glória das glórias,
Se um dia alguém me discesse,
Ter chorado neste mundo,
Lendo uma trova que eu fizesse.

Nunca vi dizer ser pobre
Quem come em paz o seu pão,
Quem toca sua viola
Sem peso no coração.

O sol é que faz o trigo;
É o trigo, que faz o pão.
Mas se o trigo se faz hóstia
Faz-se sol no coração...

Dizem que há mundos lá fora,
Que eu nem sonho... Nunca vi...
— Mas que importa todo o mundo,
Se o meu mundo é todo aqui?!

Alguém pede que lhe ensine,
A fazer trovas também,
Viva e sofra, ame e padeça,
E espere que a trova vem...

Mesmo nos jardins da vida,
Desde a minha meninice,
Nunca alcancei uma rosa,
Sem que o espinho me ferisse.

Lindo luar no céu flutua...
Ao violão, canto os meus fados,
Que Deus fêz noites de lua
Para os que são namorados.

Sei que amor é sofrimento,
Custa a vida querer bem,
Mas custa o dobro da vida,
Na vida não ter ninguém.

Se Cristo nasceu pra' todos,
Sua luz a todos vem.
Vive o rico na riqueza,
Mas vive o pobre também...

A linda trova perfeita,
Que nos dá tanto prazer,
Tão fácil, — depois de feita,
E tão difícil de fazer.

CERQUEIRA

Batisado

Na Igreja de Paranhos, da cidade do Porto, foi batizada uma criança do sexo feminino que recebeu o nome de Gabriela Alexandra.

É o segundo filho da senhora D. Margarida Mendes Gonçalves, funcionária dos C.T.T. dessa cidade, casada com o Sub-chefe da Polícia sr. José Gomes da Silva Coelho.

A parturiente é filha do nosso colaborador sr. Elísio Gonçalves e de sua esposa D. Maria Josefina de Almeida, a quem felicitamos não só pelo êxito do difícil parto que, como o primeiro, teve intervenção cirúrgica, como pelo aumento considerável do potencial familiar que lhe perpetuará a memória quando Deus o chamar a contas, embora pareça andar em dia pelas acções que tem praticado.

Várias Notícias

Goães

No passado dia 1 foi celebrada missa do 7.º dia na Igreja de Goães pela sra. D. Adelaide Elisa Esteves da Silva Pereira tia do nosso assinante sr. Filinto de Jesus Esteves da Silva.

S. Paio

No passado dia 2 celebrou-se a missa do 7.º dia do sr. Avelino da Silva, da Ponte do Porto, Proselo.

Vilela

SENHORA DO ROSÁRIO

Festa a Nossa Senhora do Rosário com missa cantada, confesso geral, e outros actos religiosos.

REPTO DECISIVO

Quem não deve não teme.
Portugal tem andado sempre em linha recta, nada tendo, pois, a temer. O mesmo não podem dizer aqueles países que nos atacam, os quais recorrem a todos os processos — O fim justifica os meios, dizia Frederico Nietzsche — para forçar determinadas conclusões...

Falando na comissão de descolonização das Nações Unidas, o dr. António da Costa Lobo propôs um diálogo de entendimento com os apoiantes de Portugal e não «um diálogo de surdos». E acrescentou:

«O meu País tem sido repetidamente acusado de violar as fronteiras de países vizinhos das suas províncias africanas. Seria fácil, porém, apresentar uma lista muito mais longa, de idênticas queixas em nome do Governo de Portugal. Mas o resultado seria apenas criar nova situação de um diálogo de surdos».

O delegado português disse a seguir: «Dialogar não significa necessariamente estar de acordo. O seu principal objectivo é compreenderem-se as pessoas, e para se fazerem compreender é necessário que dialoguem».

O dr. Costa Lobo não deixou contido de reconhecer que em África já se ouvem outras vozes «que falam à linguagem sensata do realismo construtivo», vozes essas que se mostram voltadas para o futuro. Recordou ainda as propostas portuguesas feitas desde o ano de 1963 e recentemente renovadas, para que fossem estabelecidas comissões imparciais destinadas à fiscalização das fronteiras das suas províncias africanas, as quais nunca foram conside-

radas.

Ocupou-se também da concessão de maior autonomia às províncias ultramarinas incluída nas alterações à Constituição Portuguesa, autonomia essa que «não se limitava aos assuntos orçamentais e administrativos, mas ainda ao desenvolvimento político».

O nosso delegado ligou a concessão de direitos políticos a novos indivíduos com a aceleração do programa da educação. «Com a expansão da educação — declarou — o número de pessoas que não gozam de direitos políticos diminuirá progressivamente». Em reforço da sua opinião, pôs em destaque as estatísticas dos últimos dez anos sobre a instrução em Angola, em Moçambique e na Guiné.

Finalmente, a concluir a sua oportuna e interessante intervenção — verdadeiro repto lançado aos inimigos de Portugal — o dr. Costa Lobo insurgiu-se contra as acusações de que nas nossas províncias africanas prevalecia um «estado de revolta». E, para demonstrar a falsidade de tais acusações, disse que, em África, cinquenta por cento das Forças Armadas Portuguesas eram compostas pela população autóctone, que recebia armamento defensivo.

«Isto é incompatível com uma situação de revolta» — concluiu o delegado português.

Os homenzinhos que nos atacam na O. N. U., apanhados em flagrantes contradições e, assim, desmascarados, não dão mãos à palmatória. Insistem, insistem, como animais de orelhas compridas que são...

Augusto de Oliveira

Ciclo Preparatório em Bouro (Santa Maria)

Uma das maiores descobertas que honram a raça Lusitana, depois das marítimas levadas a efeito por intrépidos navegadores portugueses, foi a do professor Doutor Veiga Simão, actual Ministro da Educação Nacional. Encontrou em todos os horizontes da ocidental praia Lusitana um Portugal desconhecido. Tantos foram os homens que o precederam desejosos de fortalecer Portugal que não conseguiram, depois de oito séculos de existência, saber o que o país precisava para poder continuar as suas obras de beneficência social, para não deixarem sair um produto humano de tão fraca consistência intelectual. O professor Veiga Simão foi um navegador solitário que descobriu a matéria prima de que Portugal precisava para ser grande no seu limitado espaço territorial. Bouro (Santa Maria) mostrou que foi descoberta para participar na defesa da nobreza dos pergaminhos históricos bem nítidos no Mosteiro da Abadia e na Igreja Monumental da freguesia. O professor Costa Leite, o Adriano Feixa e o António Fernandes abriram as portas dos seus corações e mostraram um prédio com oito divisões que vão dar à mocidade portuguesa um grande contributo social. Só falta nesse bloco que é um verdadeiro quartel geral sem armas nem soldados, o nome gravado dos Drs. Marcelo Caetano e Veiga Simão como pioneiros de uma descoberta que tornará a nossa Pátria bem digna da sorte que só agora encontrou.

OBRIGADOS, SENHOR MINISTRO Amares está de parabéns, - Resultado da visita do Sr. Ministro das Obras Públicas

«Continuado da 1.ª página»

e ali mesmo Sua Ex.a lança o despacho provisório.

Assim foram vistos, revisitos e apreciados os nossos problemas e também os técnicos ficaram ali a saber o desejo de Sua Ex.a e o grau de prioridade de cada obra.

Algumas vezes Sua Ex.a esteve em desacordo com os técnicos, como por exemplo, quando disse: «a Câmara não pode estar parada 5 anos à espera do plano de Urbanização, tem de caminhar sr. engenheiro».

Ainda bem, Senhor Ministro, que veio até nós, e ainda bem que compreendeu os nossos anseios e necessidades.

Parabéns, Senhor Ministro. Assim é agradável ver trabalhar, debruçado sobre os problemas e no próprio local.

Fazemos agora um juízo muito diferente do que fazíamos quando viamos acompanhados um Ministro um séquito de mais de uma de-

zena de carros do Estado.

Os resultados não se fizeram esperar e se nós, o povo e as autoridades, fomos surpreendidos pela forma da sessão de trabalho, também o fomos, agradavelmente, com os despachos definitivos de Sua Ex.a o Senhor Ministro, agora comunicados.

Todos os pedidos foram atendidos o que representa 5 ou 6 mil contos de obras que vão ter imediato seguimento e autorizado o estudo de outras como: águas, saneamento, etc., de igual ou superior valor.

Está agora na mão da nossa Câmara atrazar ou acelerar as mesmas, através dos projectos, estudos e concursos necessários.

A Sua Ex.a o Senhor Ministro, Senhor Governador Civil e Senhor Presidente da Câmara os agradecimentos de «Tribuna Livre», que sabe interpretar o sentir do Povo de Amares.

Os magníficos resultados da visita do Sr. Ministro das Obras Públicas ao nosso Concelho

(Continuado da 1.ª página)

estudo dos Largos da Vila e ao arranjo da frente do Hospital, sendo esta obra participada por estimativa para ser mais rápido.

Quanto ao abastecimento de águas a Caldelas, Feira Nova e Amares, recomenda a maior brevidade nos projectos, para o que chama a atenção da competente repartição técnica do Estado, e aumenta a participação do Estado para 75%.

Quanto ao Saneamento e esgostos em Feira Nova e Amares, o Sr. Ministro remete à repartição oficial competente o compromisso de fazer o projecto por um engenheiro especializado, garantindo a participação

logo que o projecto se conclua.

Concluído o despacho dado no local o Sr. Ministro concedeu 200 contos para a estrada de Barreiros e 200 contos para a estrada de Rendufe.

Também a Rua Transversal à Circular mereceu a sua concordância e o despacho de que será participada logo que o projecto seja apresentado.

Como se vê deste pequeno relato todas as obras mereceram a melhor atenção e vão seguir o seu curso rapidamente e não deve esquecer-se que entre elas estão as mais importantes e mais necessárias para um progresso real e evidente.

Mini-Gazeta

Não sei se o Leitor deu fé
Do que aconteceu há pouco,
Com este poeta rouco
De poesia, tão louco,
Que já aborrece, até.

A nossa querida TRIBUNA
Pegou na nossa «Gazeta»
E não esteve com treta,
Pôs-nos logo, ali à preta,
Duas duma vez, não uma!

Com franqueza, a demasia
Causa sempre mau humor
E eu não quero favor
De me julgarem doutor
Nesta fraca poesia!

Se foi «gato», é argumento,
Porque burro já eu sou
E, como tal, não estou
P'r' andar como outro andou
A desbaratar talento?!

DAVUS

Condições de Assinatura

Continente

Ano 60\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Estrangeiro

e Províncias Ultramarinas
Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Visado pela G. de Censura

Aquecedores a Gás

Infra - Vermelho «porta - garrafas»

990\$00

Um presente «GÁS MOBIL»

Em: A. Ramos & C.a L.da

Feira-Nova — Amares Telef. 62155

Ou: Agência Central GÁS MOBIL Rua do

Castelo, 63 - Telef. 23256 — Braga